

Poe

Quando os portais são as palavras

Por Heloisa Prieto

É muito raro que chegue à Muralha alguém que saiba o que está procurando, e essas pessoas às vezes têm permissão para passar. É uma expressão que têm nos olhos: uma vez vista, ela é inconfundível.
(extraído de *O mistério da estrela - Stardust*)

Além de todos os países, de todos os tempos e realidades, há espaços sem fronteiras, lugares oníricos constantemente transmutados pela obra de Neil Gaiman, criador do mítico Sandman, das revistas em quadrinhos, poeta, jornalista, roteirista e um dos principais autores da prosa contemporânea.

“Talvez a maior influência em minha escrita tenha sido o punk”, ele afirma. Do movimento punk, Gaiman extraiu a falta de pretensão, o desejo constantemente cumprido de “ir e fazer logo algo”, sem pruridos ou pudores. Nada mais próximo da sensibilidade radical do punk que os misteriosos contos de Edgar Allan Poe, que Gaiman elege como sendo a obra à qual ele “sempre regressa”, desde os onze anos de idade.

“Poe era vaidoso, invejoso, de ótimo coração, mórbido, perturbado, um sonhador. Ele inventou a história de detetive, contos de humor e pavor que hoje são considerados obras-primas. Para mim, foi como se os contos de Poe pedissem para ser ilustrados. Eles contêm imagens centrais, primordiais.”

Acontece que na literatura de Poe, em contos como “O gato preto”, ou “O barril de Amontillado”, as paredes não protegem, nem acolhem, mas guardam segredos inomináveis. Não por acaso, num dos livros infantis mais impactantes de Gaiman, lobos moram dentro de paredes. Não só lobos, como também “elefantes tentando não espirrar”. Até mesmo uma família normal pode passar um tempo na parede enquanto seus lobos tomam conta da casa em seu lugar. Paredes que não abrigam nem sequer acolhem, mas que surgem como portais paralelos de universos invisíveis ao olho prosaico são característicos dessa narrativa que busca deslocar, instigar e desafiar o leitor desde a mais tenra idade.

“É divertido escrever coisas como *Coraline* e ter uma filha para testá-lo”, afirma Gaiman, a respeito da história da casa de uma família que convive com outra, presença inesperada de dimensões ocultas ao adulto desavisado, alcançável apenas por portais de espelhos. *Ao aproximar-se da coisa na parede, percebeu que se tratava de alguma espécie de casulo, como uma bolsa de ovos de aranha. Contraía-se ao contato com a luz. Dentro do casulo, havia algo que se parecia com uma pessoa, porém uma pessoa com duas cabeças, com o dobro de braços e pernas que deveria ter.* Um ato tão corriqueiro como fitar ou tocar uma parede, na voz de Gaiman, se torna em momento de ingresso a um universo que se expande na imaginação sem guardar compromissos com nenhum tipo de lógica ou convenção. Suas palavras conduzem à criação

de mundos inteiros que se pode explorar e rasgar a cada noite quando tiver acabado. A literatura então cumpre a função secreta de transmutar a sensibilidade tornando a leitura de cada livro um ato de alta magia.

Magia, feitiçaria e pirataria convivem em *O mistério da estrela - Stardust*, obra na qual múltiplos enredos se combinam e se constroem, conferindo à narrativa de contos de fadas um ritmo fractal. Como se transita do sonho sombrio de Sandman, marcado pelas pestanas pesadas de um pesadelo de Edgard Allan Poe e a poesia lírica de uma estrela cadente transformada na mais bela jovem? Metamorfoses, o acaso, o inesperado marcam tanto o lado gótico da obra de Gaiman quanto seu conto de fadas. A diferença talvez esteja no espaço que a Morte ocupa. No lugar da temível e impiedosa ceifadora, a Morte, em *O mistério da estrela - Stardust*, também surge como um universo paralelo cada vez mais habitado por fantasmas tão divertidos que a gente se esquece de temê-los. O humor é a chave mestra dessa sua nova combinatória narrativa, onde dualidades como novo ou velho, triste ou alegre, adulto ou criança perdem totalmente o sentido. Os países de Gaiman são, segundo ele mesmo, delirantes, improváveis, além das fronteiras do real. E, ironicamente, por essas mesmas razões, uma vez vistos, transformam nosso olhar de maneira inconfundível.

Helôisa Prieto é autora de Lenora, entre vários outros livros para adultos, jovens e crianças